

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 15, número 1 (2024)

ISSN: 2177-2886

Artigo

## Espaço, Representação e Performatividade: Concepções de Experiências Vividas

*Espacio, Representación y Performatividad:  
Concepciones de Experiencias Vividas*

*Space, Representation and Performativity:  
Conceptions of Lived Experiences*

**Benhur Pinós da Costa**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil

Universidade Federal de Santa Maria - Brasil

benpinos@gmail.com

Como citar este artigo:

COSTA, Benhur Pinós da. Espaço, Representação e Performatividade: Concepções de Experiências Vividas. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 1, p. 167 - 193, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# **Espaço, Representação e Performatividade: Concepções de Experiências Vividas**

*Espacio, Representación y Performatividad: Concepciones de Experiencias Vividas*

*Space, Representation and Performativity: Conceptions of Lived Experiences*

## **Resumo**

O artigo apresenta uma discussão sobre espaço e performatividade, retratando as experiências vividas do autor, na cidade de Porto Alegre/RS. Aborda, também, uma circunstância na cidade de Manaus/AM. O texto se constitui de relatos de experiências em situações em espaços de relações sociais de diversão e, principalmente, de um contexto no centro urbano da cidade de Porto Alegre, caracterizado pela sociabilidade de homens gays idosos. No processo narrativo, há a discussão sobre a posicionalidade e a personalidade do pesquisador, sua corporeidade, em diferentes condições e temporalidades de pesquisa, na relação com outros homens no contexto espacial caracterizado pelas relações homoeróticas. Além disso, há o debate sobre o desenvolvimento do conceito de microterritorialidades, ao longo da trajetória de pesquisa, e sobre como seus sentidos convergem para as experiências em realidades empíricas relativas aos processos de sociabilidades homoeróticas nas cidades.

Palavras-Chave: Porto Alegre; Performatividade; Homossexualidades; Microterritorialidades.

## **Resumen**

El artículo presenta una discusión sobre espacio y performatividad retratando a las experiencias vividas por el autor en la ciudad de Porto Alegre, en el estado brasileño de Rio Grande do Sul. Aborda también un suceso en la ciudad de Manaus, en el Amazonas. El texto consiste en una serie de relatos de experiencias en situaciones en espacios de relaciones sociales de diversión y, principalmente, en un contexto en el centro urbano de la ciudad de Porto Alegre, caracterizado por la sociabilidad de hombres homosexuales mayores. En el proceso narrativo, se discute sobre la posicionalidad y personalidad del investigador, su corporalidad, en diferentes condiciones y temporalidades de la investigación, en la relación con otros hombres, en el contexto espacial caracterizado por relaciones homoeróticas. Además, se debate el desarrollo del concepto de microterritorialidades a lo largo de la trayectoria investigativa y cómo sus significados convergen con experiencias en realidades empíricas relacionadas con los procesos de sociabilidad homoerótica en las ciudades.

Palabras-Clave: Porto Alegre; Performatividad; Homosexualidades; Microterritorialidades.

## **Abstract**

This article presents a discussion about space and performativity portraying the author's lived experiences in the city of Porto Alegre/RS. It also addresses a circumstance in the city of Manaus/AM. The text format is based on reports of experiences in situations and spaces of entertainment social relations, mainly, in the urban center of the city of Porto Alegre, characterized by the sociability of elderly gay men. The narrative process includes the discussion about the researcher's positionality and personality and his corporeality in different research conditions and temporalities, in relationships with other men in the spatial context characterized by homoerotic relationships. In addition, a debate is proposed about the development of the concept of micro-territorialities along the research trajectory and how its meanings converge towards experiences in empirical realities concerning the processes of homoerotic sociabilities in cities.

Keywords: Porto Alegre; Performativity; Homosexualities; Microterritorialities.

**Benhur Pinós da Costa**



## Introdução

Há pouco tempo, estava na sala do LabEU (Laboratório de Espacialidades Urbanas na Universidade Federal de Santa Maria, do qual sou coordenador) e encontrei meu armário de livros todo bagunçado. Estava com muita preguiça de arrumar, mas acabei fazendo... Percebi que cada livro que tocava e colocava na estante representou, no passado, algum interesse meu em desvendar algum problema em forma de pensamento ou uma ideia que precisaria ser desenvolvida. Coloquei as estantes “abaixo” e pensei organizar por alguma ordem aqueles livros. Mas que ordem? Não tem ordem; minha vida e minha trajetória são uma desordem... Uma desordem de ideias e de vontades de seguir uma percepção que se pretende representação. Mas que realidades são estas que me motivaram a imaginar e organizar representações sobre elas?

De repente, cai uma revista impressa, o "Boletim Gaúcho de Geografia", do ano 2000 (Costa, 2000). Esse boletim foi lançado um ano depois de eu começar o mestrado. Lá estava um artigo meu, acho que o primeiro a ser veiculado em uma revista reconhecida na Geografia brasileira. Nesse artigo, confiado ao "BGG", tem muito de meu passado e, também, de presente e de futuro... Por quê? Porque eu sempre me interessei pensar os “lugares” de convivências que existem nas cidades e quais os motivos que levam as pessoas a se encontrar... Um encantamento pelo encontro e pela diversão, pela afetividade e pela sexualidade. Eu sei que lá eu estava em plena forma e energia ao percorrer a cidade por entre seus sons, luzes, cantos, esconderijos, aglomerações... Um encanto pela energia da cidade, que absorvia com tanta vontade que ela voltava pelo meu corpo, pelas minhas pernas, pelo meu sexo, por todos os meus sentidos e vontades... Eu extravasava energia urbana em todos meus atos, tanto nas experiências diversas do meu corpo ao transitar, como um *flâneur*, assim como nos meus pensamentos que fluíam e me excitavam ao escrever, pela Geografia, o que vivia...

Eu fiz profundas etnografias de mim mesmo em experiência cotidiana com meus amigos e amores (nem tanto... muitos deles pelo sexo ocasional...), e por meus trânsitos descrevia e teorizava outras Geografias que emergiam no final dos anos 1990 e início dos anos 2000... Os encontros e seus contextos espaciais precisavam ser cartografados e explicados por mim... Eu fazia meus próprios encontros, mas sabia que eles eram independentes de mim e me ansiava abarcá-los na sua totalidade, em que não se fazia total, mas como flashes de acontecimentos captados pelas lentes de meu olhar e de minha escrita... Esse texto no BGG cartografa as sociabilidades existentes no centro de Porto Alegre, por onde morava e transitava nessa época... Desde sempre escrevi sobre as sociabilidades urbanas e desenvolvi, pelo conceito de território, a explicação teórica para eles, em relação a uma microgeografia urbana pela qual eu persigo minhas ideias até hoje.

Lá na sala do LabEU, outro livro se mostra a me chamar, logo nestes tempos em que eu acabei formulando uma nova maneira de perseguir os encontros espacializados em contextos geográficos da cidade. O livro se chama "Comportamentos em Lugares Públicos", de Erving Goffman (2010). Este autor foi muito importante para eu teorizar as microterritorialidades<sup>1</sup> como relação de “eus” dos sujeitos sociais (os meus “eus”) e seus espaços de sociabilidade urbana. Foi interessante encontrá-lo porque, no exato momento

em que isso acontece, eu tinha delineado um projeto de novas pesquisas e novos escritos que teriam de se basear no conceito de performatividade de Butler (2003) e na teoria das representações; seja em Lefebvre (1983) ou, também, em algo que se revela no ato de representar: representações como mediações, das pessoas em suas experiências com outros. Eu cheguei à conclusão de que os lugares ou contextos geográficos da cidade, na qual as pessoas se encontram, são mediados por representações (as pessoas representando representações sobre elas e sobre os outros, coletivamente). Isso implica um conjunto de atos corporais mediados por representações que se aplicam ao esforço que as pessoas fazem para se identificar e ser identificadas. A ideia é que as pessoas se encontram para performar em determinado lugar e isso se microterritorializa e/ou produz um contexto geográfico.

Ao pegar esse livro de Goffman (2010), eu acabei pensando que esses são tipos de comportamentos localizáveis e territorializáveis. São mesmo as situações inesperadas que dão forma aos pensamentos e estabelecem novas conexões de ideias que os fazem trilhar outros caminhos que se entrelaçam, estabelecendo condições para um esforço de cercar uma realidade (in)explicável. De fato, eu continuo com o mesmo projeto desde sempre, só que pelas teorias eu o vou alargando... Ora ele volta aos mesmos balizadores de antigamente, ora ele se alarga para outras aventuras conceituais e teóricas, como foi minha saga durante um ano de pós-doutorado, perseguindo Deleuze e escrevendo sobre microterritorialidades homoeróticas no Rio de Janeiro... Então percebo que as minhas relações com a realidade imediata estabelecem mediações com meus pensamentos em situações inesperadas (de meu corpo como ação e consciência de algo não necessariamente sendo este imediato), que me reconduzem às tramas explicativas das empreitadas teóricas que tenho que fazer, em determinado tempo/momento de maturação de pesquisa e escrita.

### Entre espaços, representações e performatividade

Faz pouco tempo que eu li isto de Lefebvre (1983, p. 70, tradução minha): “Entre a vivência e o concebido não há um corte, uma ruptura, não há ‘esquizo’”<sup>2</sup>. Eu não consigo extrair os detalhes que me fizeram recuperar o livro de Henri Lefebvre *La presencia y la ausencia*, em meio a um conjunto de necessidades para aprofundar outras leituras sobre performatividade, entre

---

1 Os conceitos de microterritorialidades e microterritorializações representam as pequenas (micro) apropriações de agregados sociais e sociabilidades em diferentes partes do espaço urbano da cidade contemporânea. Os pequenos grupos sociais urbanos e suas diferentes maneiras de se identificar e se diferenciar criam pequenos territórios determinados pelo apego, aconchego e experiências de “lugar”. Para além de lugar e para além de território, as microterritorialidades nos mostram que o território pode ser visto nas atividades de relações sociais urbanas em muito grande escala (ou muito pequeno espaço, como um pedaço de uma rua ou uma praça ou um pequeno estabelecimento comercial de diversão diurna e/ou noturna), cuja presença identitária e a relação entre diferentes pessoas aglomeradas determinam uma política da demarcação do espaço. Por outro lado, tal demarcação faz parte da experiência sentida e compartilhada naquele espaço, como se esta política da sociabilidade e da demarcação tenha relação com as emoções vividas, justamente pela possibilidade da sociabilidade.

2 Texto original: “Entre la vivencia y lo concebido, no hay corte, ruptura, no hay ‘esquizo’” (Lefebvre, 1983, p. 70).

outros textos, como Butler e Lourties (1998). Parece-me que é um esforço de ainda acreditar ou estar muito envolvido com a teoria das representações, que talvez não possa, exatamente, “combinar” com o corpo teórico no qual esteja interessado. É, de fato, um emaranhado de possibilidades e um conjunto de aterramentos teóricos que eu desdubro entre um livro e outro para conseguir dar sentidos às realidades que experimentei. Uma dessas realidades é ter conhecido pela primeira vez o Cais Embarcadero, em Porto Alegre, ou seja, um espaço “revitalizado” perto da Usina do Gasômetro (lugar turístico da cidade) e que passou a abrigar alguns bares de *happy hour*, tendo como vista privilegiada o lago Guaíba e os canais do delta do Jacuí.

Ao conhecer esse lugar, eu fiquei observando o quanto as pessoas “performavam” ao socializar em meio a drinks e comidas caras. Interessante que o espaço é acessado diretamente por um caminho entre um estacionamento montado para que não seja necessário circular pelo centro de Porto Alegre, prezando a sensação de segurança para alguns chegarem ao lugar diretamente de seus carros, sendo protegidos por policiamento privado. A entrada é por um pequeno “portão”, também vigiado por guardas. Ao passar esse portão, deparamo-nos com uma ambiência<sup>3</sup> totalmente diferente do entorno do porto, ainda sucateado devido ao desuso pela transformação da dinâmica economia no presente atual.

Logo ao chegar, deparei-me com uma forma de praça de alimentação de *shopping center* ao ar livre, com lojas decoradas inspirando modernidade e com preços de consumo elevados. Embora o espaço fosse cercado e vigiado, existem elementos que nos colocam no centro da cidade novamente, como a vista da Usina do Gasômetro e o próprio contato com o lago Guaíba; aliás, o contexto de revitalização explora uma das posições mais privilegiadas para contemplação dessa paisagem, principalmente o espetacular pôr-do-sol. O acesso não era tão livre assim, especialmente pela vigilância instaurada, que observava todos os movimentos e estava sempre atenta a quem estivesse entrando. Na verdade, circulavam muitas pessoas que só queriam conhecer o espaço e estar em contato com o Guaíba, assim como curtir a ambiência chique que foi construída. Muito dos bares e restaurantes apresentavam espaços para clientes na parte externa, mas podíamos também observar o que acontece no interior desses bares devido às paredes envidraçadas. Foi por essas paredes, observando os trejeitos das pessoas sentadas do lado de fora (separadas por uma corda do restante das pessoas que passavam), que notei o espaço performativo com que estava interagindo.

Em primeiro lugar, pude perceber outro segmento de ambiência em virtude do que se via pelas mesas, pelo atendimento especializado dos garçons e das garçonetes, pela fineza dos gestos entre as pessoas, pelas taças e cores variadas das bebidas que serviam, pelas disposições dos pratos, talheres e guardanapos

3 A ideia do conceito de ambiência aqui está relacionada à inspiração de Nelson Rego (2010). Conforme o autor, “[a] relação entre esses dois sentidos formula o primeiro dos conceitos que articulam o conceito de geração de ambiências, e que praticamente o define: a relação meio em torno com o meio entre. Meio em torno significa o conjunto articulado de relações materiais e simbólicas que contextualizam a existência humana, condicionando o próprio modo de ser de indivíduos e coletivos. Meio entre significa os diversos tipos de mediações que situam indivíduos e/ou coletivos perante uns e outros, como as relações de trabalho, escolares ou familiares, entre outras formas de relações cotidianas” (Rego, 2010).

sobre as mesas, pela arquitetura das próprias mesas e objetos de decoração, etc... Em especial, fiquei observando um grupo de jovens sentados(as) em um espaço pelo lado de fora de um dos bares. Em primeiro momento, admirado pela elegância das vestimentas e suas cores suaves, em um conjunto de tonalidades que fazia combinar corpos e as demais materialidades do lugar, como um conjunto de ações/interações/apresentações que fundavam um espaço como um conjunto de atos performativos, em que os objetos e as pessoas estão em combinação para que os sucessivos eventos aconteçam, como uma performatividade pós-humanista<sup>4</sup>, conforme Barad (2017) nos mostra. Ao olhar para outros grupos, fora e dentro do restaurante, também notava que isso se repetia, fazendo-me lembrar alguns daqueles filmes que retratam a vida da burguesia europeia em Saint Tropez e Mônaco, inclusive a própria figura sóbria de Jaque Onassis, com seus chapéus elegantes e óculos escuros no verão do sul europeu da França. Desculpem-me, mas Porto Alegre não é assim. Aliás, óculos escuros bem “transados” seria um elemento fundamental de ostentação ao beber um champanhe e assistir ao pôr-do-sol do Guaíba, em uma situação de acessar uma vista privilegiada e um espaço seguro, como um enclave de repetição de uma forma específica burguesa de ambiência no centro da cidade, que se desdobrava repetindo as formas estéticas e maneiras de tratamento e sociabilidade dos bares das imediações da rua Padre Chagas, no bairro Moinhos de Ventos. Eu, então, comecei a me incomodar com a pasteurização dos móveis, dos objetos e dos corpos em um contexto de alta capitalização que explora para poucos privilegiados um espaço e uma localização que deveria ser democratizada em Porto Alegre/RS.

Fiquei pensando nas argumentações de Baudrillard (1981) sobre simulacros e simulações, como se aquela experiência estabelecida fosse uma simulação de realidade ou um simulacro que oculta a realidade (o entorno do Centro Histórico degradado e perigoso para aquela população ali presente...), tornando a realidade até mesmo irrelevante... Aliás, por que tornar a realidade relevante ali? O principal objetivo dessa simulação são as sensações fora de uma realidade do centro da cidade, como a afetação estabelecida por todos aqueles equipamentos e materialidades simuladas de outras esferas criativas de *design* e arquitetura globalmente valorizadas. São simulações, também, as afetações estabelecidas entre corpos que se comportam elegantemente ao elevar uma taça de *champagne*, ao virar o rosto e assistir ao pôr-do-sol, com uma risada discreta ao interagir com o(a) amigo(a) ao lado, que faz exatamente o mesmo entre sucessivos toques discretos e calculados ao ajeitar suavemente o chapéu e evitar a insolação excessiva do verão escaldante de Porto Alegre. São conjuntos de atos como simulações ou performances inseridas em um “espaço fabricado” que instituem possibilidades de ser e fazer devido a uma

---

4 Para além do conceito de performatividade, a “pós-humanista” procura aprofundar a perspectiva da ação que se materializa em espaços, assim como os espaços e materialidades constituindo as próprias ações. Como se precisássemos voltar à matéria e à objetividade da vida cotidiana, nos quais somos e nos apresentamos em relação ao entorno material em que vivemos. Além disso, incorporamos formas materiais e agimos diretamente nos expressando como e em relação ao que incorporamos. Para além de um “pensamos sobre como entendemos (subjetivamente) quem e como somos”, a ideia da forma e ação corpórea remete ao se apresentar de forma objetiva nos diferentes espaços de relações sociais, em que nosso corpo se materializa de determina forma, “embalado” pelo contexto objetivo em que ele se faz.

materialidade que carrega um conjunto simbólico que institui ações calculadas de elegância, de consumo e estéticas de corpo privilegiadas. Às vezes, até parece algo muito racional. É claro que isso tudo deve ser simulado e performado perante uma plateia, ou seja, um grupo de simples trabalhadores que circulam livremente no local, como eu, e que ficam contentes por estarem “incluídos” na experiência burguesa, como se fossem daquela classe que está nos recintos dos bares. Para estes que circulam ficam os olhares não tão discretos da vigilância privada atenta. Então eu sabia que aquele vigilante estava a me fitar devido ao tanto de interesse que tive ao ficar observando as pessoas adentro daquela parede envidraçada.

Interessante que eu estava em um final de tarde de sol em que a aglomeração era considerável no lugar. Muitas pessoas de diferentes segmentos socioeconômicos estavam circulando entre outras pessoas que se dirigiam elegantemente para os bares e restaurantes separados pelas paredes envidraçadas. Apesar da aglomeração, as pessoas mantinham um conjunto de atitudes *blasé*, em que as atividades de sociabilidade se davam em pequenos grupos muito restritos. Dessa forma, estar ali significava performar esta atitude *blasé* de separação entre a aglomeração e vincular-se a um grupo restrito seletivo de amigos(as) em que poder-se-ia performar em conjunto. A despeito destas separações em um espaço aglomerado, as pessoas sabiam construir um conjunto estético material combinatório, entre corpos, vestimentas e materialidades outras.

Muitos dos que circulavam, como eu, destoavam um pouco, mas muitos deles(as) sabiam que estar ali implicaria, pelo menos, uma roupinha mais adequada àqueles(as) que estavam entre as vidraças. Mas as pessoas não se olhavam e não estabeleciam efetivamente contato: era uma situação como um conjunto de atos silenciosos entre as pessoas e alguns outros sons mecânicos dos equipamentos dos bares e dos barulhos dos garçons em atividade. Os olhares eram discretos entre um pequeno grupo e outro, e entre os que não estavam consumindo, fora das vidraças, e os supostos “ricos” consumindo no interior (sabemos que também não eram ricos, mas o espaço de simulação e performance institui esta separação). No lugar de um espaço público de interações, estimulava-se as separações sutis em forma de maneiras *blasé* de pequenas interações. Este é o centro da cidade de Porto Alegre que se projeta, um centro de enclave cujas desigualdades são vistas e performadas, como formas de estimular a simulação de um padrão de convivência burguesa e torná-la admirada como forma de alienação da população como um todo...

Nestes sucessivos quadros de momentos, eu retornei pelas minhas lembranças sobre aquele menino pobre que concebia Porto Alegre um espaço de possibilidades de livre acesso ao que se tinha de mais importante na cultura produzida por artistas locais e nacionais. Eu retornei às realidades de sociabilidades criativas que se mostravam abertas ao espaço público para tudo e para todos(as). A experiência no Cais Embarcadero se demonstrava exatamente o contrário do que eu tinha representado como riqueza social dessa região do Centro Histórico de Porto Alegre: seria um conjunto de sociabilidades vazias de criatividade reproduzindo, com altos custos de consumo, um conjunto de maneiras quase que robotizadas de se vestir e de se relacionar. Para estar incluso deve-se estabelecer performances de corpos

reproduzindo maneiras aburguesadas e afetadas de ser. É claro que eu sei que performances todos fazem, em diferentes contextos de sociabilidades e sintomas culturais, mas eu via naquele enclave uma espacialidade performática forçosa cujo principal elemento motor é o consumo: para alguns consumirem e serem vistos consumindo, como aspecto de inclusão excludente de classe. Foi então que este novo dilema se estabeleceu: eu concebia o potencial da teoria da performatividade, como elo teórico fundamental para eu discutir o que estava acontecendo ali, também em outros lugares e sociabilidades diferentes, mas eu, da mesma forma, concebia um conjunto de representações, fabricadas e repetidas, de outras esferas de realizações estéticas de classe, que faziam as pessoas representarem-se perante aspectos rígidos de ser e de se mostrar.

Ao ser impactado e pensar sobre a ambiência instituída pelo projeto turístico Cais Embarcadero, lembrei-me de outra experiência ao visitar a cidade de Manaus/AM, depois de um tempo de tê-la deixado para ir morar e trabalhar na cidade de Santa Maria/RS. Eu morei em Manaus e trabalhei na UFAM entre 2006 e 2009, três anos em que vi a cidade se transformar pelos projetos de mobilidade e investimentos em equipamentos de consumo urbanos, como *shopping centers*. A Manaus que conheci misturava arquitetura moderna do final do século XIX com um modo de vida local urbano feito por pessoas que vinham do interior do Amazonas e traziam para a cidade grande novos elementos de sociabilidade, hibridizando o modo de vida tradicional do interior e o contato com os rios, como uma urbanidade rica de encontros, lugares de consumo autênticos e criativos, de diferentes formas de sociabilidade e um cosmopolitismo invejável devido ao grande fluxo de turistas vindos do exterior para conhecer a floresta. Eu morei no centro da cidade e lembro-me que, seguidamente, dirigia até o bairro/praias da Ponta Negra para fazer exercícios físicos e correr à noite (de temperatura mais agradável no escaldante clima equatorial).

Embora a Ponta Negra, nessa época, fosse o bairro mais contemporâneo de Manaus e contivesse os imóveis mais caros para moradia, os espaços da orla da praia possibilitavam diferentes experiências de sociabilidade, em que pessoas de diferentes classe e modos de vida se apresentavam. Lembro-me dos quiosques locais um pouco improvisados, mas cujos comerciantes e serviços já eram conhecidos pelos locais, tendo se tornado lugares de referência para diversão espontânea. Lembro-me de um mercado com vários pequenos estabelecimentos que tocavam música ao vivo e eletrônica, em que as pessoas curtiam alegremente o local entre um mergulho no rio e outro. Às vezes, quando o rio estava na sua carga máxima, as águas quase que tocavam os recintos dos bares, permitindo que as pessoas, entre uma cerveja e outra, saíssem de suas mesas e mergulhassem diretamente no rio. Existia uma feirinha de produtos típicos também, com uma série de bancas com comidas locais, um pouco improvisada, mas rica por agregar as múltiplas maneiras de se apresentar das pessoas frequentadoras.

O fato é que depois de 2009, depois da minha saída da cidade, a orla da Ponta Negra foi revitalizada. Mudaram o calçamento, as ornamentações urbanas (chafarizes e iluminações modernas) e colocaram quiosques/trailers de estabelecimentos comerciais como as de filiais dos *shopping centers* da cidade.

O mercado com os diferentes barzinhos foi demolido, a feira foi desfeita e a riqueza de possibilidade de materialidades que agregavam diferentes movimentos de pessoas e sociabilidades fora substituída por outros estabelecimentos, novas formas arquitetônicas e de propaganda globalizadas, que instituíram uma nova forma de ser e estar ao fazer *trottoir* pelo calçadão da Ponta Negra. Lembro-me que notei o esforço das pessoas em colocar a melhor roupa para estarem na “nova Ponta Negra”, bem ao contrário daquele burburinho, daquela simplicidade e espontaneidade que existia quando morei em Manaus.

Na época em que frequentava assiduamente a Ponta Negra, existia um conflito entre os moradores ricos dos condomínios em frente à orla e o comércio que aglomerava muita gente e ruído ao seu redor. Até mesmo a parada livre fora deslocada da Ponta Negra porque os ricos da cidade se incomodavam com o evento. Mas eu quero dizer que a materialidade do novo urbanismo contemporâneo (um tanto frio e vazio por reproduzir formas arquitetônicas muito parecidas com os lugares de circulação de *shopping centers...*), assim como os novos estabelecimentos de mercado globalizado (ou de marcas locais *gourmet*, como marcas conhecidas de açaí...) determinaram um novo conjunto de sociabilidades baseadas nos padrões de consumo e maneiras de ser da classe média urbana, fazendo expulsar aquela simplicidade local autêntica e as diferentes identidades que, antes, a Ponta Negra agregava. Manaus começava a empreitada de equiparar sua urbanidade (material e de relações sociais) a São Paulo. Isso também representa a sobreposição de novas formas urbanas que definem novas formas de sociabilidade, em que as pessoas são levadas a performar outras maneiras de apresentação de corpo, gestos, estéticas e maneiras de sociabilidade.

É claro que na Ponta Negra essa performatividade funciona como uma nova regra ao transitar e passear pelo lugar (principalmente nas noites de domingo), mas podemos ver que ainda existem diferentes pessoas que conseguem introduzir diferentes maneiras de ser e de se socializar por entre os diferentes espaços da orla. Ao contrário, o Cais Embarcadero é um lugar quase fechado, como um enclave vigiado e quase que exclusivo, para um grupo de pessoas de padrão aquisitivo e poder de consumo elevado sentirem-se seguras ao retornar ao centro de Porto Alegre, tendo plateia para suas performances de apresentação de corpo e de gestos afetados e aburguesados.

Mesmo assim, em ambas as situações pode-se ter como aspectos de análise geográfica as seguintes evidências: 1) foram montadas/construídas novas materialidades, diferentes das anteriores, e tais materialidades representam formas arquitetônicas contemporâneas, imitando padrões como *shopping centers* ao ar-livre; 2) foram produzidas novas formas de consumo e publicidade e novos equipamentos comerciais de alto comércio de proveniência globalizada ou, mesmo sendo locais, tentando se equiparar aos padrões e normas de *marketing* e organização (de materiais e métodos) globais; 3) tanto a matéria como a visibilidade das formas e imagens (publicidade) já representam e pressupõem determinadas pessoas e maneiras de ser que devem se agregar ao lugar; 4) por tais imagens e/ou representações sobre pessoas e modos de ser ao consumir, induzem-se e se realizam as maneiras de ser (novas, substituindo as anteriores) nos estabelecimentos; 5)

institui-se uma nova ambiência, em que a nova materialidade está intrinsecamente relacionada aos corpos, que devem combinar entre as ações que devem ser feitas em meio ao consumo que deve ser estabelecido. Vejam que há aqui a materialidade (a realização da representação), as artes visuais (representações que condicionam o olhar e os gostos estabelecidos por este olhar), os corpos (que em seus movimentos e em sua indumentária reproduzem representações sobre como se deve ser e como ser valorizado e admirado...). Temos, assim, um espaço (uma ambiência, como dito anteriormente) performativo em que séries de representações são acionadas em práticas e em matérias de realidades.

### Além das espacialidades vividas às vivências em pesquisa...

Então, comecei a argumentar neste texto sobre minhas empreitadas em entender as sociabilidades existentes no espaço urbano em uma perspectiva geográfica. Para mim, isso significou debater sobre a produção e as práticas sociais envolvendo as identidades. Eu precisei entender identidade como prática individual em situações de sociabilidades, em que determinadas partes do espaço urbano se tornavam fundamentais tanto para a realização da identidade como das práticas corpóreas e relacionais. A identidade não é uma abstração, embora seja uma representação criada discursivamente (seja normativa, seja essencialista, como de resistência – sobre isso, pode-se ver Jeffrey Weeks (1999), acerca da construção da sexualidade envolvendo a identidade homossexual e gay: da essência para a resistência). A identidade é praticada no e como corpo, e na/e/como relações interpessoais. Vai além: a identidade é criada subjetivamente e se institui efetivamente de forma intersubjetiva.

O que isso quer dizer: as pessoas carregam a marca de identidade em seus corpos; assim, praticam a identidade em um conjunto de atos (de fala, de apresentações e de movimentos corporais). A identidade é o corpo/consciência representando-se para si mesmo, mas é, sobretudo, produto das nossas relações com os outros com quem compartilhamos essa identidade, tanto em comunhão ou diferenciação. Entre coletividades de outros, dadas pela diferença entre mim, nós e eles/elas, é que se reforçam representações, práticas e apresentações de identidades (Hall, 2002). São por esses movimentos que as pessoas creem que são como são e naturalizam a si mesmas. São como ações e corpos em movimento, que se fazem como naturais, mas, por outro lado, constituem-se por contatos, aprendizados e sobre como que outros(as) me afetam, tornando essa afetação elemento da representação que compoño de mim sobre meus atributos de identidade. São como um contínuo de interações que são corporizadas e que acabam por mediar nossas apresentações no agora, no seguinte e no logo depois...

Além do movimento entre eu, nós e outros(as) imediatos, nas práticas/atos agregativas e disjuntivas, a identidade é criada no tempo por outros eventos, em outras escalas de discursos sobre práticas além do nosso mundo imediato. As identidades também são estratégias discursivas e imagéticas que se tornam representações, sejam estas estratégias normativas, que nos essencializam, sejam de resistência em busca de outros significantes que

representem a condição de uma existência subalterna. São representações desenvolvidas por discursos além de mim, de nós e dos nossos lugares de práticas imediatas.

Por isso, as identidades são representações, mas somente o são porque agimos e argumentamos, nas práticas dos imediatos cotidianos, a partir de balizamentos abstratos do que seja a identidade como representação criada socialmente. Mas, novamente, mesmo sendo um conjunto de elementos simbólicos como um sistema interpretativo além da minha existência imediata, ela só funciona perante mim que me represento pela identidade naquilo que faço na interação imediata com outros em lugares possíveis (normativa) ou impossíveis (como transgressão ou resistência) para que eu seja como o tal da identidade que me reforça. É ao me reforçar pela representação de mim que me faço enquanto identidade, e eu também assim a reforço (reforço aquele sistema abstrato não imediato). Além disso, ela só funciona porque a praticamos e essa prática é, efetivamente, um jogo territorial: porque ela se torna uma sociabilidade compartilhada em algum espaço apropriado na cidade (o que divide o “nós” e os “outros”); ou porque ela se torna a presença da contestação da diferença que se quer diferença no território de práticas de outros, produzindo uma “fissura” combativa que transgride certa configuração de práticas sociais estabelecidas em determinado lugar.

Por outro lado, nesse conjunto de identidades como práticas de representações, criamos uma ideia de uma identidade verdadeira, ou que representa nossas intimidades, e que pode ser publicitada entre nosso grupo identitário. Estas práticas de identidades podem servir como enfrentamento a outras condições que devemos desempenhar no mundo das relações formais e institucionais (família, escola, trabalho, burocracia, etc.). Então, parece que nos movemos entre diferentes representações sobre quem somos, que são naturalizadas como de nós mesmos como identidade, desde quem somos ao desempenhar papéis sociais (Velho, 1989; Goffman, 1988) e estabelecer nossos projetos de inserção social (com vistas a se adequar e vencer a competição), até quem somos – em princípio, verdadeiramente –, ao nos sociabilizar entre espaços compartilhados de prazer, diversão e interação social informal, como na diferença entre identidade privada e pessoal, ou pública e privada em Goffman (1988). É por isso que o mundo é marcado e coincidente com um eu fragmentado entre papéis e projetos de vida a desempenhar e aquilo que realmente pratico e represento sobre mim. Nesse sentido, a identidade privada é compartilhada coletivamente em espaços de “aterramento” da representação também como abstração, trazida de outras “bandas” e outros imediatos passados.

Foi por essas ideias que me desdobrei em relação à identidade homossexual e a emergência de territorializações, desde o mestrado (Costa, 2002) e doutorado (Costa, 2008), porque era pelo viés identitário, na relação entre um eu e um coletivo, que as representações de identidade eram praticadas e fundavam lugares localizáveis e fechados pela constituição “do nós” em que eu estava presente. Então foram cartografados os territórios homossexuais de Porto Alegre durante praticamente uma década de trabalho entre a minha dissertação e tese e entre os produtos publicados e

provenientes delas. Assim, a homossexualidade é uma identidade normativa, mas outras identidades de resistência, como a gay e das práticas de diferentes homens gays, em diferentes territórios de sociabilidade, precisavam se fundar no aterramento do lugar e no erguimento de fronteiras para que as resistências acontecessem.

Por outro lado, esses territórios teriam de manter os muros e os escudos de proteção bem consistentes; afinal, o mundo moderno heteronormativo, lá fora, do qual eu mesmo fazia parte (lembrem-se da identidade social ou pública), faz com que meu corpo seja estranhado e subalternizado. É por isso que a resistência se tornaria necessária, para construir (-se em) espaço-tempos de prazer e de crença em si mesmo (no apego a uma forma de identidade criada como representação, mas reforçada na relação imediata entre mim mesmo e mesmos outros), como carga de energia para seguir a vida. Assim é a vida de um homem gay como eu, e os meus territórios de sociabilidade gay nos anos 1990 e 2000 (eu jovem) eram fundamentais para me encontrar, pela mediação de outros que comigo praticavam representações de identidade sobre nós, que tornavam meu eu verdadeiro, em meio a tanta necessidade de representar algo que a mim não pertencia exatamente. Mas eu creio, além disso, que nos encontros também nos enganamos com as verdades que criamos ou pelas quais nos orientamos como sendo mesmo as nossas...

No trabalho de 2002, a dissertação de mestrado, eu estava preocupado com a esfera das representações sobre a homossexualidade e como alguns sentidos contidos nelas criavam/marcavam uma pessoa pelo seu desejo para com o mesmo gênero. Criava-se um ser e uma forma de ser que estava estigmatizada no decorrer do desenvolvimento da modernidade. Em virtude do estigma, a identidade social se tornava privada (a lógica do armário) e só poderia ser divulgada em virtude do encontro e sociabilidade com outros homens gays, em partes do espaço específicas para isso na cidade (algum canto do espaço público apropriado ou um estabelecimento comercial gerido por algum empresário que viu nisso uma fonte lucrativa de renda).

Minha preocupação seria encontrar as origens desse estigma, como se estivesse explicando para mim mesmo os porquês de eu não poder me encontrar sexual e amorosamente com algum cara em meio à rua e isso devesse acontecer em algum recinto fechado que possibilitasse tal afetividade. Eram tempos de 1990 e, mesmo que Porto Alegre já fosse conhecida nacionalmente como a cidade dos(as) morderninhos(as), ainda as “bichas” sofriam na rua os chamados “bailes” – gíria gay da época que revelava os eventos homofóbicos pelos quais passávamos, como agressões e xingamentos. Por várias vezes eu e amigos sofremos bailes por entre a rua, simplesmente porque estávamos conversando alegremente e, talvez, sendo afeminados, ou por termos olhado com interesse para algum cara e ele não ter gostado. Mesmo assim, o mercado do Bom Fim e o bar Escaler aos domingos ficavam lotados de “bichas” conversando alegremente e namorando de forma extravagante: estávamos ao ar livre e nos sentíamos livres, mesmo restringidos àquela esquina entre as ruas Oswaldo Aranha e José Bonifácio.

Na verdade, tomávamos conta dos lugares; às vezes nos apropriávamos

definitivamente, às vezes, sorratamente. Foi o livro de De Certeau (1994) um achado para minha tese de doutorado defendida em 2008... As espertezas com as quais as “bichas” flertavam e faziam sexo em espaços inusitados, em meio aos tantos “bailes” que sofriam, é explicada como táticas nos lugares. Foi também com Richard Parker (2002), quando analisa as táticas homoeróticas em Fortaleza e Rio de Janeiro, que eu me interessei em mostrar por minha dissertação e tese como o espaço é microterritorializado pelas relações afetivo-sexuais homossexuais. Os espaços de Porto Alegre eram homoerotizados por mim e por aqueles que encontrava pelo Centro, pela Cidade Baixa, pelo Bom Fim, pelo bairro Floresta e pela Orla do Guaíba. Eram praças, parques, banheiros, shoppings, lojas, supermercados, e por esses caminhos exercíamos tais movimentos sorrateiros, silenciosos, performando masculinidades diversas em meio a um espaço cotidiano que, supostamente, só abrigava a cisheterossexualidade... Não mesmo: lá estávamos, mesmo no armário como estratégia de sobrevivência, mas percorrendo para lá e para cá à espreita e, pela camuflagem, encontrávamos sempre alguém “a fim” e outras amigas para tomar alguma coisa e rir dos desastres e felicidades da vida.

Eu também me interessei pelo mercado e por este (nas noites no Venê, no Enigma, no Fim de Século, no Ocidente, nas festas do Mix Bazaar, nas Raves nos galpões de fábricas desativados e na “putaria” do bar Indiscretos e das casas de Vídeos Pornôs) eu entendia diferentes práticas e apresentações feitas pelas mesmas pessoas que transitavam de um lugar para o outro. Via, também, pessoas ditas heterossexuais se encontrando para sexo (homossexual) nesses lugares... Comecei, então, a duvidar da identidade, mesmo querendo identificar as pessoas pelos lugares, sendo estas mesmas pessoas diferentes a cada lugar, porque as auras dos lugares alteravam seus movimentos, seus interesses e suas maneiras de se mostrar e vestir-se de/seus corpos.

A materialidade da relação corpo/lugar-lugar/corpo, em um sistema embriagante que mistura espaço e corpo, sendo o corpo o próprio espaço relacional, assim como o entorno e um espaço fora de nós mesmos, que influencia quem eu seja naquele espaço-tempo (que é assim porque eu acabo sendo de determinada forma e parece que tudo no espaço emana do meu/nossos corpos em relação, movimento e apresentação), tornou-se meu ente fundante das microterritorialidades gays. Eu queria descrevê-las e descrever os corpos em movimentos nos lugares, corpos que se tornavam os próprios lugares, como se tivessem um âmbar coletivo que fizesse o que fosse o espaço e, no meu pensamento, microterritorializações, porque esse âmbar de corpos em relação, em movimento e em junção, era pequeno (porque é um canto de uma rua ou um prédio pequeno), era apropriado (por isso território), porque era um mundo à parte que precisa ser defendido, porque era uma forma de proteção, mas estava em constante formação, como um âmbar viscoso mesmo, que se movimentava e se transformava a cada momento por diferentes acontecimentos dos corpos em relação.

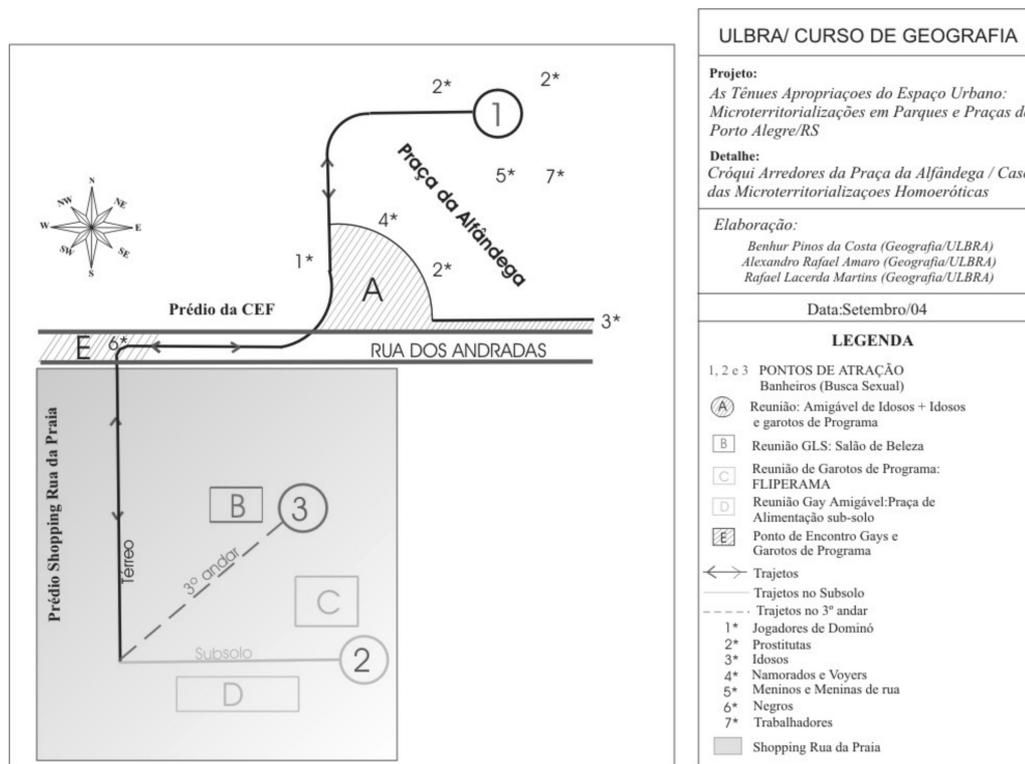
Mas eu teria que dar tonalidades representativas sobre os acontecimentos ali: por um lado, na dissertação, eu o fiz pela etnografia (com observações e sucessivas conversas com aqueles com quem me relacionava, seja por somente

um papo, seja como uma amizade de longa data ou, então, alguém que eu tinha conhecido para “dar uns beijos” e transar). Eu queria representar e pensar que existia identidade das pessoas com os lugares e, dos lugares, devido às pessoas; por outro lado, na tese, eu queria entender os paradoxos de se estar e avaliar a si mesmo e aos outros, assim como os acontecimentos e a própria materialidade (luz, aspectos da casa, decoração, etc., além da música, como imagens) que pessoas diversas faziam/tinham/eram ou não eram na mesma microterritorialidade de encontro gay. Queria encontrar as diferenças entre a igualdade e a identidade, queria pensar os devires que as pessoas instituíam em diferentes lugares que frequentavam e, como que me entendendo, poderia entendê-las para representar suas relações nas microterritorializações. Por outro lado, passei a entender como as pessoas tornavam contraditórias as próprias microterritorializações que, supostamente, eu pensava que poderia identificar por um rol de acontecimentos e práticas que estavam por/sendo ela.

Pelo que estão percebendo, minhas contradições sempre giram em torno de serem eu e meus amigos os elementos fundantes de meus escritos e trabalhos, assim como outra contradição é estar envolto de uma Geografia que não comportava estes movimentos que queria fazer por mim, meus amigos e amores, e também pela própria Geografia, na qual sempre tive tanto interesse de me inserir e com ela me comprometer. É claro que esse comprometimento não poder ser tão romantizado assim; a Geografia se tornou meu sustento, tornou-se o dinheiro que gastei nas diversões que eu mantive em meio a este mundo homoerótico. Também comprou minha casa e meu carro, e ela pode me fazer viajar para pensar outras? Geografias além daquelas da minha juventude em Porto Alegre. Mas uma contradição sempre foi a fluidez de corpo e espaço que estava envolvida, assim como identidade entre opressão e resistência, entre performatividade (não ainda vista como tal naquela época) e uma Geografia das representações, inclusive cartográficas, que eu nunca consegui aprender.

Mas, de fato, eu categorizei os lugares (eu me culpo) e somente agora eu consigo entender uma geografia da fluidez e do devir. Nessa contradição eu cartografava os lugares nos quais convivia em Porto Alegre, mas eu queria representar também os movimentos. Um exemplo disso foi um mapa dos movimentos homoeróticos no centro da cidade de Porto Alegre, entre a Praça da Alfândega e o Rua da Praia Shopping: lugar de “pegação” e encontros gays camuflados e sorrateiros por entre a multidão. O mapa fora produzido por mim e o colega de trabalho do curso de Geografia da Ulbra, Rafael Lacerda, assim como o bolsista de graduação e amigo Rafael Amaro. Nesse trabalho, tento expressar uma etnogeografia de práticas homoeróticas e dos movimentos que homens gays faziam entre os banheiros públicos da praça e do *shopping*, a praça de alimentação, o fliperama e pontos específicos, como um “canto” da praça em que homens gays mais idosos sociabilizavam entre eles e com garotos jovens michês. O desafio era, de alguma forma, demonstrar o movimento no plano, a diversidade de lugares e suas identificações sobre o que ocorria em sucessivos dias em que estive na região e o descolamento entre a rua (a praça) e três andares do *shopping*. Foi uma tentativa da época e, embora simples, foi um esforço de representar minhas interpretações e vivências naquele espaço, entre tantas pessoas com que conversei e me relacionei, para condensá-las em uma representação.

Figura 1 – Microterritorialidades homoeróticas no centro de Porto Alegre/RS em 2005



Fonte: Costa (2008b).

O que podemos entender como principais aspectos que representam as microterritorializações demonstradas aqui? Em primeiro momento isso se refere a um conjunto de apropriações espaciais que se estabelecem de forma tática e sorrateira em partes do espaço urbano. Por quê disso? Principalmente pelo caráter estigmatizado que envolve as relações homoeróticas e a essência desviante da identidade homossexual. Na época eu tratava de forma diferenciada as microterritorialidades de homens gays, entre aquelas instituídas pelos encontros de busca sexual em espaço público e aquelas que se desenvolviam em algum bar ou boate da cidade. Nas primeiras, a invisibilidade seria o principal aspecto; nas segundas, existiria um paradoxo em tornar visível e resistir à heteronormatividade do espaço público, no sentido de tornar um espaço “privatizado” pelo encontro de homens gays, sendo, principalmente, os estabelecimentos fechados, mas também uma aglomeração pública de espaço de festa, como a esquina das ruas Oswaldo Aranha com José Bonifácio aos domingos, dos anos de 1990, em Porto Alegre. Esta figura representa uma “região” de maior movimento no centro da cidade de Porto Alegre e entre os transeuntes (trabalhadores e consumidores), envolvidos com uma normalidade cotidiana do mundo do trabalho e do consumo, se estabelecia uma convivência e uma série de contatos informais, quase que escondidos por entre o adensamento populacional, principalmente no horário do meio dia e no final do expediente.

As microterritorialidades acabam sendo, principalmente neste caso, uma “metáfora dissidente do social” (Fortuna, 2012), no sentido de que existe um “contra-espaço” entre o espaço público normatizado (cisheteronormatizado)

ou, então, não sexualizado. Os homens que transitavam entre a praça e o *shopping* homoerotizavam o espaço público e o tornavam um conjunto de trajetos microterritorializados para suas performances e busca de atividades afetivo-sexuais. Neste caso, ao contrário de um estabelecimento para homens gays, não necessariamente as pessoas envolvidas nos encontros e atividades homossexuais se identificavam como gays ou frequentavam outras sociabilidades baseada na resistência da identidade gay: ali existiam mais as práticas sexuais homossexuais e contatos diversos baseados no homoerotismo.

Podemos observar outras microterritorialidades que se apropriavam do espaço público local, como, por exemplo, do trabalho quase invisível das prostitutas e de idosos gays que se relacionavam com michês que circulavam, também tática e discretamente, por entre este circuito. Outras microterritorialidades se baseavam na apropriação e visibilidade de resistência, como o agregado de encontros de homens e mulheres negras na porta do Rua da Praia Shopping como forma de sociabilidade e também de se mostrarem mediante uma necessidade de visibilidade quanto ao racismo estrutural do espaço público urbano (presenciei alguns atos neste sentido). Os atos do movimento gay (na época), como do Grupo pela Livre Expressão Sexual Nuances, foram presenciados por mim em outros espaços públicos em que a aglomeração mantinha a lógica da visibilidade da própria aglomeração e do afrontamento baseado na identidade gay, como no parque da Redenção e Rua Lima e Silva, e nas proximidades do centro comercial Olaria, no bairro Cidade Baixa. Todos esses lugares eram lugares meus como homem gay jovem e por eles eu circulava ora no armário, ora fora dele. Interessante pensar esta geografia do armário, como faz Vieira (2010) pelas vias de Sedgwick (2007).

O que podemos observar nestas discussões microterritoriais é que as pessoas são porque são representadas por alguma identidade, que fora desenvolvida historicamente em meio às lutas de resistência contra normatividades impostas no espaço social moderno, em virtude do funcionamento dos espaços como base das desigualdades e determinação de privilégios e hierarquias na interação e acesso diferencial dos corpos representados em estruturas patriarcais, heterossexuais, burguesas, masculinas e brancas. Os contatos homoeróticos cotidianamente se instituíam de forma dissidente e clandestina por entre o espaço público, nos quais todos os atos, em um movimento de busca de encontros sexuais, eram extremamente calculados, e cujas performatividades procuravam se encaixar nos padrões de masculinidade hegemônica: por um lado, para não atrair estranhamentos dos olhares das pessoas que passavam; por outro, a masculinidade proporcionava maior atratividade no jogo de desejos sorrateiramente instaurado nos trânsitos entre os lugares de “pegação”.

Esse caráter clandestino e meio ilícito de convivência em espaço público se usou da cisgeneridade rígida e dos padrões de masculinidade hegemônicos entre homens gays e seus encontros homossexuais, instaurados na negociação dos desejos em lugares de “pegação”. Mesmo assim, entre esses jogos e negociações, as masculinidades abriam fluidez de gestos calculados que permitiam que os encontros fossem negociados, até mesmo sem manter o ato de fala, entre demonstração de posições de gostos sexuais baseados na rigidez entre um ator sexual homem passivo e outro ator sexual homem ativo.

De fato, existia nesse trânsito e nas tênues interações formas de apresentações dos corpos que indicavam performances sexuais de interesse e driblavam a masculinidade performatizada, instaurando relações difusas entre binarismos que ora se reforçavam e ora transgrediam. Claro que os homens michês em atividade de negociação de programas instituía uma masculinidade excessiva e, quase sempre, se declaravam heterossexuais – inclusive, isso era frisado em conversações entre grupos de michês que se encontravam na praça. Mas isso não queria dizer que seus papéis sexuais nos programas fossem efetivamente de ativos e que, nesses papéis, certas formas de comportamento acabassem construindo um corpo afeminado entre trejeitos, atos de fala e movimentos diversos entre os atos sexuais (posso dizer isso porque, como falei, observava e vivia intensamente esses jogos sexuais apreendidos e práticas nesse espaço – além de uma observação participante, uma participação observante... no estilo em que Rosemere Santos Maia me indagou em minha banca de doutoramento).

Interessante como vejo hoje que essas microterritorialidades são apropriações simbólicas em práticas espaciais de nossos corpos em relação acumulada. O que eu quero dizer é que esses espaços apropriados (que eu chamo de microterritorialidades/zações) por maneiras singulares das pessoas se relacionarem (sociabilidades) são também maneiras dos corpos das pessoas se apresentarem e maneiras de expressarem formas de argumentações, inseridas em interesses discursivos inteligíveis, embora nem sempre comuns. Há uma materialidade que é um suposto espaço independente dessa relação, mas quando um corpo se apresenta nela e estabelece maneiras de relações específicas com outros, a materialidade perde sua independência e se torna significada em sucessivas camadas simbólicas agregadas por cada um que se insere na relação. Um passado material (que também é simbólico) deixa de existir pela atividade das pessoas em exercício de sociabilidade, na qual os corpos em movimento e agregação é que institui a visibilidade do espaço como forma (se vista por outro que não participa da agregação, por exemplo).

Por outro lado, os corpos como espaço de contenção simbólica (tanto identitária, como de performance pessoal) extrapolam suas fronteiras corpóreas, alargando-se aos outros corpos (agregação e afetação) que, por fim, transformam um entorno que, supostamente, pensamos como sendo o espaço separado do corpo. Assim, não se pode mais separar corpo e espaço: o espaço só o é para um corpo que intenta o outro corpo e o espaço pelo qual eles se encontram. Por outro lado, corpo aqui não é o biológico como simples matéria (não uma separação corpo e mente), mas o cognoscente, o cultural/identitário e o representativo/perfomático (que vive, percebe e concebe e, assim, performa). Por este viés que se pode pensar a produção do espaço em Lefebvre (1983 e 2013).

A Geografia crítica urbana brasileira se utilizou de Lefebvre esquecendo os movimentos das corporeidades inserida e fundamentais na sua obra. Talvez tenha se detido no concebido da tríade lefebvriana e se apegado às representações de espaço fundadas nas estratégias dos grandes poderes como as empresas e o Estado. Os corpos são “produtores” de espaço (coloco entre aspas porque há, também, uma desconfiança entre tradições da Geografia Cultural sobre o termo “produção”, principalmente porque falar de “produção

do espaço”, para os marxistas, veio como anulação do humanismo e da escala do corpo como ação, apresentação e representação) e, se confundindo com espaço se instituem, como corporeidades-espacos. Pelos movimentos, contatos, afetações, percepções, pensamentos e representações se reconhecem corpos (em seus limites e possibilidades) que se relacionam com uma realidade, tentando sobre o mundo, apresentando-se nele e o influenciando, criando para si tudo que o rodeia.

É por isso que a microterritorialidade torna central na análise geográfica para mim. Primeiro porque é um agregado de corpos se afetando em suas imanências simbólicas, de si, para si, para os outros e para os objetos do entorno, assim como para as estruturas (identidade cultural) que fundaram normativamente esses corpos como essências e, também, pelas estruturas de resistência, com as quais esses corpos podem transgredir. Segundo, porque o espaço que pensamos que seja uma infraestrutura independe de nossos corpos, nossas intenções para com ela e nossas relações para com outros é, na verdade, nós mesmos como corpos em interação e atividade de representação. Por isso que Lefebvre (1983 e 2013) fala em espaços de representações, porque somos corporeidades representantes dos espaços que trilhamos, tornando esse trilhar o espaço como nós mesmos, sendo-nos corpos-espacos. O conjunto de nossas vivências pelos espaços em que agimos e nos relacionamos faz com que se tornem espaços como nós mesmos (nós não somos mais separados daqueles espaços, assim como aqueles espaços não existem sem nossas consciências deles, dadas pelas práticas e afetações corporais que tivemos e construímos estando com/como ele).

Viver é espacial e confere um corpo que vive (se movimenta, respira, toca, vê, age, se arrepia, chora, sorri, etc...) que, ao viver, é afetado e percebe sensorialmente os outros movimentos e os movimentos do seu corpo afetado, percebe os sons e os toques, as cores e os sentidos das possibilidades e das negações interpeladas por outros. Desse conjunto, nossa corporeidade concebe os espaços vividos pela percepção e isso acaba por criar o espaço como representações nossas. Mas vejam, não é um processo individualizado; é um processo coletivo pautado na objetividade das ações e relações, por meio do qual nossas subjetividades são conduzidas em tomadas de consciência de si em afetação sobre a tomada de consciência dos outros, que se transformam em concepções redundantes como uma totalidade espacial (do que acontece, de como as pessoas são e de como funciona e de como eu posso funcionar/viver este e aquele espaço). Por isso que Lefebvre se interessa tanto pelo espaço e pelos ritmos de tempos nas quais os corpos se movimentam, apresentam-se e criam âmbares representativos sobre o que é o próprio espaço (que não é, senão, tais movimentos dos corpos em relação, interação e afetação, entre um viver, um perceber e um conceber, para que possa se inserir e retomar os ritmos da coletividade que é o espaço).

Esses espaços ritmados de movimentações e representações das corporeidades em relação – o espaço são as relações sociais, como diz Massey (2009) – podem ser vistos como um movimento normativo da sociedade como estrutura, mas é aí que entram as contradições entre estas estruturas e as dissidências à norma: as microterritorialidades como metáfora dissidente do social. Tais contradições devem ser vistas pelas transgressões às normas

estruturadas historicamente, que se acumulam pelas lutas sociais e representam novas identidades de corpos possíveis além das normalidades criadas ao longo do tempo: tornam visíveis suas resistências, que se transformam em outras formas de viver e se entender no mundo (identidade como resistência).

Uma vida vivida em desacordo com as normalidades é uma vida sofrida que luta para ser algo não possível, mas que percebe isso e se percebe nos espaços representativos e praticados pelas normas, além de buscar se entender e se representar por um questionamento constante sobre quem se é. Um homem gay vive espacialidades heterossexuais desde sua tenra idade, percebe seus sentimentos contraditórios entre os espaços heteronormativos que não consegue praticar em sua totalidade e se concebe como alguém anormal e sofre por ser assim. Representa-se como uma essência homossexual que não pode existir ou como um erro ou uma aberração. É uma ausência (Lefebvre, 1983) dada na presença corpórea, porque não é representado ao viver no presente imediato e só poderá ser por outra representação que o oprime, o nega e o coloca em situação de inferioridade. Até que, em suas sucessivas experiências, consegue viver formas de relações com outras pessoas e espaços possíveis para que sua homossexualidade seja aceita e praticada (porque outros a praticam ou o deixam ser e praticar).

Essa percepção, em espaços de relações possíveis aos desejos, negados socialmente, cria um conjunto de concepções sobre si e outros, assim como outras representações sobre quem se pode ser socialmente e como; por isso, essa pessoa se torna a partir de outras representações de resistência – a presença é presentificada pela representação da resistência, finalmente. Neste sentido, os lugares de relações dissidentes e contraditórios entre diferentes geometrias de poder (opressões e dissidências das heteronormas, em diferentes e múltiplas composições...) são as microterritorialidades de possibilidades de se viver, perceber e conceber transgressões e novas maneiras de ser e estar no espaço, consigo mesmo (com seu corpo) e com outros. É o corpo presente (em interação) e a representação presente, ante as ausências representativas em seu vivido condicionado ao estigma. São espaços de representações das homossexualidades, em suas diferentes nuances quanto às identidades de resistência e essência, entre diferentes modos de corpos interagirem, afetarem-se e representarem a si mesmos.

### **Um esforço interpretativo de conformação de espacialidade entre pesquisa e experiência pessoal**

Então, temos nossos espaços de representações cotidianamente vividos por homens gays (e também não gays – um espaço homoerotizado além da identidade) em atividade de busca sexual. Nos sucessivos episódios e atos de estar nesses espaços, percebe-se os outros, os movimentos dos corpos e suas silhuetas que constituem maneiras tornadas atrativas sexualmente. Também se percebe e pergunta-se sobre si mesmo, nas sucessivas observações e movimentos, como que em um conjunto de atos para se tornar também atrativo. Ainda estabelecem concepções sobre quem é cada uma daquelas pessoas, os sentidos e avaliações do lugar e a identificação sobre si que está, então, lá, em um conjunto de movimentos que será agregado a uma totalidade

representativa que representa o espaço.

Que espaço de representação é esse? Novamente, o circuito da praça da Alfândega e Rua da Praia Shopping, no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre/RS. No final de semana do aniversário de 250 anos da cidade, eu decidi ir sozinho ao centro da cidade para rever aquele mapa produzido em 2004, lembrando que haviam se passado 17 anos, ou seja, provavelmente as microterritorialidades eram outras... Era um domingo à tarde e a rua da Praia se configura como um fluxo de jovens se deslocando para o show de comemoração do aniversário da cidade na Usina do Gasômetro. O *shopping* estava vazio e as escadarias fechadas, então aquele traçado que tentava ligar os vários andares do prédio eu acabei não revendo.

Assim que cheguei pela praça (estacionei o carro perto da rua Siqueira Campos) eu já avistei um grupo de homens gays idosos sociabilizando entre os bancos da praça rente à rua da Praia. Falavam alegremente e observavam os rapazes transeuntes fazendo comentários. Eram homens muito idosos, mas admirei a vitalidade entre seus gestos, maneiras de falar extravagantes e movimentos joviais. Admirei a maneira afetiva com que sociabilizavam, o que me deu a entender que eram muito amigos de longas datas e repletos de histórias e experiências. Sentei-me próximo para, discretamente, tentar escutá-los sobre algumas histórias de suas aventuras e consegui ouvir, entre vários comentários, sobre homens que transitavam no lugar e de como os identificavam. Tive certeza que aquela forma de sociabilidade entre homens gays idosos e outros homens mais jovens, quase sempre por trocas de favores e dinheiro, ainda persistia no mesmo local daquele mapa de 2004.

Eu acabei me deslocando até a praça de alimentação no *shopping* para ir ao banheiro e, retornando, ainda no corredor do prédio, um rapaz com boné e com a camiseta do clube internacional me fitou e me cumprimentou. Minha percepção foi entender que este rapaz flertou comigo e acabei olhando para trás. Ele olhara também, mas se deslocou em direção ao banheiro. Decidi ir para o banco da praça novamente. Depois de algum tempo, o rapaz novamente passa por mim a me olhar e eu, com certa vergonha, ou até mesmo certo medo de ser um “baile” ou passar por um golpe, baixo a cabeça. Esse rapaz se senta à frente, na praça, e fica a me olhar esperando alguma atitude minha. Nada eu fiz, fiquei no mesmo banco a olhar o celular e viver aquela experiência de estar em atividade de “caça” no espaço público, como tempos atrás. Nada aconteceu e, depois de mais duas vezes passar por mim e notar minha falta de atitude, o rapaz desistiu. Mas fiquei pensando sobre o que vinha discutindo neste texto. Como aquele rapaz me representou rapidamente? Para ele, seria eu um homem gay possivelmente disposto a estar com ele? Sim, seria! Assim que o vi, achei-o interessante, mas também o representei: certamente é um michê! Ou algum homem buscando, por meio do sexo homossexual, alguma vantagem. Ou algum homem que representa uma atitude corporal heterossexual hegemônica querendo experimentar alguma relação homoerótica/homossexual.

Entre esse conjunto de representações contidas em um imediato vivido de percepções, concepções sobre mim e aquele rapaz, foram induzindo-se representações: o espaço de representações imediato fora constituído e ele é dependente do meu corpo em interação com aquele rapaz, a materialidade em que estávamos e as intenções e concepções feitas por mim. É claro que, se eu

tivesse tido alguma experiência efetiva de troca de informações e relações com aquele rapaz, o espaço de desdobraria em outras formas de representações, condições concebidas no espaço de representação de que meu corpo fazia parte e instituí. Esse espaço de representação está representado por mim como homem gay, por aqueles homens idosos que estavam na praça a sociabilizar e alguns rapazes másculos, como o que flertou comigo, que transitavam entre as oportunidades de sexo homossexual no lugar. Podemos notar que esse espaço se constitui por minhas experiências vividas, um conjunto diverso de percepções e do concebido socialmente por mim, como identidade das práticas e das pessoas que estavam no lugar. Nesse espaço também percebi a mim e me concebi, nos meus sucessivos atos de experiência em, pelo menos, duas horas nessa vivência. Quem sou eu como corpo e espaço na constituição desse espaço de representação? Quem é aquele rapaz?

Fiquei pensando que eu sou um homem gay não idoso, mas com uma idade avançada. Meus cabelos e barbas brancas acusam a idade. O restante do meu corpo também. Comecei a notar minhas roupas e a dos jovens que transitavam no lugar: em algum momento do passado eu fora aqueles jovens moderninhos... Meu corpo biológico é, também, uma performance de uma geração e da idade, na forma como eu me visto (não sei exatamente descrever, mas bem diferente de como eu era... ou nem tanto, talvez reproduzindo de forma mal feita uma moda do passado que revela minha idade). De certa forma, também performo uma classe social, talvez perceptível por aquele rapaz. Minha masculinidade (talvez nem tanto masculina) também torna perceptível, em um golpe de olhar, que sou um homem gay, principalmente entre homens daquele espaço, que sabem quem são os gays e quem não são, assim como eu percebi quem são os michês e quem não são.

É difícil de explicar e descrever os atributos estéticos que estabelecem estas concepções, mas são sutilezas atreladas às normatividades dos gêneros e, também, suas tênues e acentuadas transgressões. Eu não conversei com o rapaz, mas já o concebi como um michê: sabemos, entre elementos concebidos de uma cultura gay, instituídas por coletividades de homens, que os michês se utilizam de performatividades de masculinidades hegemônicas para serem atrativos, como em Perlongher (1987). Nos espaços identitários gays, representar uma masculinidade que se transforma em trunfo nos negócios e jogos de desejos e de atrabilidades se transforma em um conjunto de consequências que hierarquiza corpos de homens gays mais desejados ou menos desejados, constituindo homonormatividades. Da mesma forma, estabelece-se tais jogos em relação às feminilidades normativas entre mulheres trans, no sentido que ser mais feminina posiciona a mulher trans em outra escala de privilégios nos espaços de sociabilidades trans, como demonstra o trabalho de Torres e Silva (2018) sobre as vivências travestis no cárcere no Chile e a instituição de relações transnormativas.

De fato, o rapaz que flertava comigo performava uma masculinidade cisheteronormativa. Inclusive, suas vestimentas serviam para lhe dar caráter de homem hétero jogador de futebol (estava de camiseta do internacional, bermuda jeans folgada e tênis esportivo). Por outro lado, eu me notei também tentando performar uma adequada masculinidade e, ao mesmo tempo em que revelava meu desejo homossexual, performava a fim de esconder meus traços

ou qualquer outra de feminilidade. Escrevendo este texto eu ainda não sei se aquele rapaz é um michê, mas as condições do cotidiano, que somente eu e outros homens gays (e não gays) que concebem o lugar o fazem representativo de ocorrências de certos corpos como o meu (um homem gay de idade avançada) e outro homem michê másculo. Nossos corpos posicionaram e representaram o espaço relacional, assim como esse espaço de representação representado há tanto tempo por mim, por outros homens gays e pelos michês, representava meu corpo e o do rapaz por minhas percepções.

Tal espaço de representação (minha microterritorialidade instituída por minhas ações e relações com outros, no curto período de duas horas) ao mesmo tempo é a representação de meu corpo nele, no conjunto de percepções e vivência que tive nele. Mas estas vivências não são exatamente como um espaço fora de mim (a rua, a praça e o *shopping*), mas o espaço perceptivo e representativo de meu corpo e dos corpos de outros que se fundaram em mim e a partir de mim no processo relacional. Eu não sei exatamente quem era aquele rapaz, mas ele se tornou um ente representado a partir de minha experiência; mas não só a minha: também a experiência daquele mapa de 2004, assim como a experiência que representei daqueles outros homens idosos, a flertar com rapazes jovens, aproximando-se deles com interesses monetários.

Ao mesmo tempo em que esse espaço é todas essas relações e todos esses corpos, também ele é fruto das minhas experiências, dos atos que percebi e como o concebi numa estrutura relacional. Assim que eu experienciei o espaço, essa experiência me fez conceber meu corpo nos seus limites e possibilidades, naquilo que poderia ser atrativo ou não na trama de negociação sobre desejos homoeróticos instituídos. Parece que aqui fica o espaço como compondo tudo isso, como um âmbar homogêneo que é a própria representação que se dá/deu nele. Como outro mapa estanque e fixo. Como uma cartografia que revela uma estrutura de identidade que abarca a tudo e a todos em uma coisa só. Porém, tal “coisa” nunca será uma suposta verdade, porque ela foi exatamente a relação em sucessivos atos que não podem ser fixados/capturados como representação: porque são ações continuadas. Também não serão “fixados” os corpos em movimento que se tornam devires; em puro ato e sentimento, por entre todas as dúvidas que se estabelecem sobre o eu.

Embora minhas atenções fossem para as outras pessoas que instituíam o espaço de relações e representações das homossexualidades ali presentes, eu comecei a pensar, então, na minha performatividade. Assim como o espaço é intencionado por mim, meu corpo também foi intencionado pelas relações no espaço. A intencionalidade (Merleau-Ponty, 2011), tão importante na Geografia Humanista, não é em relação a uma consciência, e o espaço é em relação a um corpo que se desloca, chega ao espaço e, chegando nele, também intenciona seu corpo e, assim, corpo e espaço se confundem em uma instituição/situação espacial, como espaço de representações: é um percebido e concebido representando o espaço de relações e a si mesmo. Mas eu tive que tornar consciente para mim mesmo aquele movimento e, talvez, seja por isso que a consciência seja tão importante para a Geografia Humanista: uma interpretação do sujeito ao espaço. Mas é necessária uma interpretação dessa consciência como espaço e como corpo em movimento (Merleau-Ponty, 2011). A questão é que isso é um movimento do corpo que intenta, vive, percebe e concebe os

outros, mas esses outros o afetam e afetam essa concepção de si que eu comecei a fitar na interação que mantive.

Meus movimentos ao circular, ao estar sentado no banco, ao me dirigir de forma velada ao rapaz e aos outros homens gays idosos na praça, já são relações comigo mesmo, feitas por um conjunto de percepções pontuais em que eu acabei sendo percebido e me “montando” (meu corpo se montando) na relação espacial. Não necessariamente essa “montagem”, intencionada pelas afetações e percepções que mantinha, procurava se igualar às pessoas, mas sim se diferenciar. O corpo precisava se estabelecer como uma representação sua, até mesmo discordante daqueles com quem interagia como um devir minoritário (Deleuze; Guattari, 2012). A diferenciação é um ponto crucial na performatividade do corpo, mas ela se dá por um quadro de possibilidades concebidas entre os elementos valorizados de um campo de representações apreendidas num conjunto de relações traçadas em um conjunto de espaços representados, em uma trajetória de vida além daquele espaço-corpo de representações imediatas. A performatividade poderá ser uma linha de fuga como diferenciação, mas ela se dá num quadro de referências dentro de um conjunto de trunfos do qual o corpo se utiliza na ação no espaço e como espaço para jogar atrações sexuais.

No fim, meus esforços de diferenciar-me ainda se estabelecem em um quadro de referências que se dá pelos atributos construídos/representados socialmente, como atrativos em uma cultura gay de homens gays de idade mais avançada. Eu percebia os jovens LGBTs transitando pelo lugar em direção à Usina do Gasômetro e suas performatividades estavam “localizadas” em outros quadros de referenciais de expressividades. Mas eu estava ali jogando com a masculinidade das referências, todas de outras experiências espaciais em que meu corpo fora representado como atrativo e não atrativo e, naquele espaço, eu conseguia jogar porque meu corpo era o próprio espaço entre outros corpos quase como o meu, em um jogo de diferenças e igualdades sutis. Eu não era como o rapaz e como aqueles gays mais idosos, mas algumas coisas me separavam e me igualavam a eles porque meu corpo se microterritorializou na relação e se tornou a própria microterritorialidade em acontecimento, em movimento, ou seja, em performatividade.

A performatividade, então, é um acontecer e um conjunto de atos do meu corpo em afetação e sendo afetado por outros corpos, pelo banco da praça, pela roupa que usava e as que os outros usavam, pela imagem dos olhares para mim e como eu percebi e concebi meus olhares para eles; enfim, são os atos e um “quadro a quadro” de percepções em que eu concebi a mim e aos outros (pessoas e objetos). A performatividade é um conjunto de acontecimentos práticos vividos, percebidos e concebidos em que materialidades se afetam e ritmos são construídos em relação, posicionando e concebendo um conjunto de elementos que retornam para o si mesmo, que se movimenta e para o qual conhece/representa todos esses elementos: posiciona-se e representa-se, sendo também representação um conjunto de atos e de movimentos. Isso produziu esse espaço de representações como de performatividades dos corpos em afetação/interação.

Aposto que outros homens gays que poderiam ter passado por mim e por meus companheiros na microterritorialidade, tenham nos representado como

corpos numa condição representativa de identidade, em forma de não pertencimento e estranhamento, assim como eu estranhei a performatividade do espaço Cais Embarcadero, no início deste texto. Ou seja, colocou-nos em uma unidade de relações cujo espaço e corpo são os mesmos numa condição de identidade identificada por outrem. Mesmo eu me diferenciando dos outros, em um conjunto de percepções imediatas, existe outra escala de concepção e outra posicionalidade de olhar, que é daquele suposto outro que nos observou (e eu mesmo posso me colocar como esse outro), ou seja, aquele espaço não me pertencia, mas, ao mesmo tempo, sim, porque eu poderia conversar e movimentar nele. Eu creio que aquelas pessoas seguiam um cotidiano vivido continuamente naquele espaço, sendo elas o espaço de representações para si e para mim. Eu não sou/estou nesse espaço cotidiano e talvez seja por isso que aquele rapaz tenha insistido tanto em um contato comigo; porque eu era, ao mesmo tempo, um elemento novo, e por ser novo, atrativo, mas não tão diferente: eu poderia ser um gay de meia idade de classe média que se diferenciava dele como um homem não necessariamente gay e, supostamente, de classe baixa, em que estas configurações de diferenças seriam elos de corpos que justamente se encontram e sociabilizam, dando o caráter da microterritorialidade.

### **Considerações finais**

Depois de terminar este escrito, entendo-o como uma maneira de interpretar a realidade posicionada nas reflexões que mantive atreladas às minhas experiências pessoais em que meu corpo se situou, inerente a singularidades que mantive comigo mesmo e com os outros com quem interagi (mesmo sendo essa interação uma afetação ocasional pela passagem e olhar breve desse outro, assim como meu olhar para com ele). Este texto, como interpretação minha em que me posiciono e me situo em determinadas experiências, é condição de instituição de espacialidades a cujo espaço eu pertencço e ele me pertence. Além disso, a espacialidade instituída é um conjunto de momentos realizados que se constitui: 1) pelo meu próprio corpo em movimento e sendo afetado por materialidades diversas; 2) por outros corpos em situações diversas, que em pequenos atos interagiram comigo; 3) por percepções fugazes de como esses movimentos me chegam à consciência; 4) e as concepções interpretativas dadas por mim sobre mim e sobre tudo que chega a mim no trabalho consciente de atribuição de significados.

Mesmo que esta forma de interpretar este escrito esteja condicionada à minha consciência, ele (o escrito) é consciência de (Merleau-Ponty, 2011), em que estou compartilhando representações de um conjunto de realizações que ocorreram comigo e, por essas representações, converso intimamente com possibilidades teóricas que explicam tais movimentos, sendo elas um arcabouço de ideias trazidas da discussão sobre representações de espaço (Lefebvre, 1983), performatividades (Butler, 2003; Barad, 2017) e interacionismo simbólico (Goffman, 1988). Na verdade, eu entendo (concebo agora) este escrito como o esforço de instituir formas e ações de espaço em que eu estava envolvido em momentos vividos nos quais percebi e concebi o espaço, centrado em minhas experiências e histórias de mim até agora

(Massey, 2009). Dessa forma, faço um esforço de entender o espaço como múltiplo e em constante produção, em que tal produção é um corpo como espaço que institui espacialidades pela experiência que viveu e pelas histórias de sua consciência, atreladas a um conjunto de representações que trouxe até aquele agora, como interpretativa sobre quem se é, sobre quem são os outros e sobre como se dá a estrutura do momento que é o próprio espaço interativo – em que estive e que se concretizou como realidade (temporal e espacial) na minha consciência que instituiu (no escrito) interpretações.

Encaro este texto como espaços concebidos fixos na memória, que se tornam consciência de espaço, devido a todas as relações que consegui estabelecer para interpretação de mim instituindo tais espacialidades, mas que se esforça para colocar nessa fixação o movimento que foi a própria espacialidade vivida e instituída nos momentos-chave das experiências. Nunca serão aquelas espacialidades, mas concepções delas por meio das quais me esforço para chegar até realidade vivida (passada como vivida, mas presente no escrito, como fruto das concepções firmadas na experiência). Dessa forma, eu creio que este seja um grande desafio atual da Geografia para sua renovação.

### Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Éditions Galilée, 1981.

BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria. **Vazantes**, vol. 1, n. 1, Fortaleza, UFC, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 21ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith; LOURTIES, Marie. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. **Debate Feminista**, 18, 1998.

COSTA, Benhur Pinós da. **Por uma Geografia do cotidiano**: território, cultura e homoerotismo na cidade. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, UFRGS, 2008.

COSTA, Benhur Pinós da. **A condição homossexual e a emergência de territorializações**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

COSTA, Benhur Pinós da Costa. Diversidade Cultural e territorializações intra-urbanas: tomando como exemplo centro de Porto Alegre/RS. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 26, Associação dos Geógrafos Brasileiros, Porto Alegre, 2000.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

FORTUNA, Carlos. (Micro) territorialidades: metáfora dissidente do social. **Revista Terra Plural**, Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR, v. 6, n. 2, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**: notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: contribución a la teoría de las representaciones. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 4 ed. São Paulo: WMF, 2011.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. São Paulo: Record, 2002.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê**: a prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.

REGO, Nelson. Geração de ambiência: três conceitos articuladores. **Educação**. vol. 33, n. 1, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, Campinas, jan./jun., 2007.

TORRES, Martin; SILVA, Joseli Maria da. Experiencias carcelarias de travestis y transexuales femeninas en Santiago de Chile. **GeoUERJ**, n. 33, Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2018.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

VIEIRA, Paulo Jorge. Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaço Urbano. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, vol. 1, n. 1, Ponta Grossa/PR, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2010.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

**Recebido em 07 de outubro de 2023.**

**Aceito em 10 de abril de 2024.**

**Benhur Pinós da Costa**

